



SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO SEXUAL NAS ATAS DOS ENCONTROS NACIONAIS DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS - ENPEC DE 2009, 2011 E 2013

Pedro Raimundo Mathias de Miranda; José Moysés Alves

*Universidade Federal do Acre, doutorando do PPGECEM/REAMEC/UFMT/Polo UEA, pr_mathias@yahoo.com.br;
Universidade Federal do Pará, jmalves@ufpa.br*

RESUMO: O conhecimento sobre a sexualidade humana é de fundamental importância na formação do indivíduo, principalmente durante a idade escolar e adolescência, daí a relevância da educação sexual intencional e contínua na escola. O objetivo deste estudo foi investigar as abordagens sobre sexualidade, gênero e educação sexual nos trabalhos científicos apresentados nos Encontros Nacionais de Pesquisa e Educação em Ciências de 2009, 2011 e 2013. O levantamento dos trabalhos com foco no cenário brasileiro ocorreu com o auxílio da ferramenta de buscar nas atas dos eventos (páginas da internet), utilizando as palavras-chave: sexualidade, sexual, orientação sexual, educação sexual e gênero. Foram encontrados e analisados 46 trabalhos que, com base no conteúdo e temática, foram classificados em três categorias: I – não associados diretamente à educação e/ou ensino (cinco artigos); II – associados à educação e/ou ensino, sem intervenção na sala de aula (28 artigos) e III – associados à educação e/ou ensino com intervenção na sala de aula (13 artigos), sendo esta última, o foco principal desse estudo. Pelas análises realizadas nos trabalhos com intervenção nas escolas, a educação sexual tem se ocupado da transmissão-recepção dos conteúdos sobre a reprodução humana com fins a prevenção da gravidez e doenças sexualmente transmissíveis, com algumas exceções, por meio de modalidades didáticas diversas. Foram poucas as pesquisas que visam promover uma educação sexual crítica, com abordagem de temas para além dos conteúdos biológicos do corpo reprodutivo, nas escolas de Educação Básica.

Palavras-chave: sexualidade, educação sexual, ensino, ENPEC.

INTRODUÇÃO

A sexualidade humana não comporta uma definição universal. A maioria das pessoas relaciona a sexualidade a aspectos e fenômenos relacionados unicamente ao comportamento e relações sexuais.

Por ser um traço íntimo do ser humano, não pode ser separado de outros aspectos da vida, sendo ao mesmo tempo relativo e paradoxal,

conforme as concepções, crenças e valores de cada um.

Segundo Figueiró (2006, p. 2) a sexualidade “inclui o sexo, a afetividade, o carinho, o prazer, o amor ou o sentimento mútuo de bem querer, os gestos, a comunicação, o toque e a intimidade” assim como também “os valores e as normas morais que cada cultura elabora sobre o comportamento sexual”. Fica



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

explícito que sexualidade tem um conceito amplo e não deve ser entendido como sinônimo de sexo. Este último constitui a marca biológica que define um conjunto de características anatômicas (NUNES e SILVA, 2006).

De modo intencional ou não, positiva ou negativa, na escola ou fora dela, todo indivíduo teve e tem acesso a informações e orientações de forma implícita e ou explícita sobre sexualidade, que contribuem para a construção de valores, normas e atitudes, fundamentais para vivenciar de forma plena, ou não, sua sexualidade.

Por educação sexual podemos entender toda e qualquer ação de ensino e aprendizagem em que são abordadas questões da sexualidade humana na família, na escola, nos meios de comunicação, com e entre os amigos, etc., resultando em discussões e reflexões sobre atitudes, valores, comportamentos, sentimentos, emoções, normas e outros relacionados à sexualidade e práticas sexuais, gênero, reprodução, saúde e direitos sexuais e reprodutivos, “voltados para a construção da liberdade sexual, no sentido de poder viver a sexualidade livre de sentimento de culpa e de opressão social” (FIGUEIRÓ, 2014, p. 46).

Abordar as questões da sexualidade na escola não é uma tarefa simples nem fácil por ser um tema polêmico e não se pode deixar de considerar a riqueza dessa dimensão humana

com todos seus significados, valores e costumes, historicamente e socialmente construídos e adquiridos (NUNES, 2005).

O ensino e aprendizagem escolar sobre a sexualidade humana foram instituídos no currículo escolar no final da década 1990. Das questões relacionadas à sexualidade humana, a gravidez não planejada na adolescência, o combate às DST e a contaminação pelo HIV/AIDS foram as que mais contribuíram para a inclusão da educação sexual no currículo escolar, a partir da publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) pela Secretaria de Educação Fundamental do Ministério da Educação e do Desporto (MEC), visando uma nova estruturação curricular para a Educação Básica (BRASIL, 1997).

Na perspectiva de tema transversal a saúde e orientação sexual, meio ambiente, pluralidade cultural, ética, trabalho e consumo, por serem considerados de caráter social relevante e de abrangência nacional, deveriam ser abordados pelos professores dentro da programação ou extraprogramação de suas áreas e disciplinas, adaptados à realidade social de cada comunidade (BRASIL, 1998; SILVA JUNIOR, 2010; FIGUEIRÓ, 2014). Quanto à viabilidade e eficácia do desenvolvimento dos temas por meio da transversalidade, isto é, a possibilidade de ensino por todos os professores das várias áreas e disciplinas



ainda hoje resulta em críticas e dúvidas (NUNES, SILVA, 2006).

Em se tratando de sexualidade e educação sexual, muitos entendem que os/as professores/as de Ciências e Biologia são as únicas referências no cenário escolar. Assim, consideram que a educação sexual se constitui no ensino dos conteúdos sobre o sistema genital e reprodução humana, DST e métodos contraceptivos, numa visão reducionista da sexualidade a aspectos puramente biológicos, apesar da carga social que permeia a temática, com seus mitos, tabus e problemas relacionados direta ou indiretamente com a vivência da sexualidade na escola e fora dela, nas mais diversas expressões (BOHM, 2009; SOUZA; DINIS, 2010).

Segundo Furlani (2013, p. 69), “as escolas que não proporcionam a educação sexual a seus alunos e alunas estão educando-os parcialmente” e não se trata de realizar atividades pontuais e descontínuas, que pouco contribuem para as mudanças desejadas de compreensão, comportamento e vivência plena e responsável da sexualidade. Furlani (2013) aponta diversos para que em qualquer nível de ensino, as ações da educação sexual sejam caracterizadas pela continuidade. Entre eles, o bombardeamento das informações pela mídia, a exclusão social fruto do sexismo e homofobia, a necessidade de reflexão e crítica aos modelos socialmente estabelecidos e que

reforçam as desigualdades sexuais e de gênero.

O presente estudo do tipo revisão da literatura teve por objetivo conhecer como os temas sexualidade, gênero e educação sexual foram abordados na produção acadêmica das áreas de pesquisa e ensino dos trabalhos científicos apresentados nos Encontros Nacionais de Pesquisa e Educação em Ciências – ENPEC, no período de 2009 a 2013.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A revisão de literatura ou bibliográfica tem por base um material já elaborado, como livros, trabalhos e artigos científicos, tornados públicos, com a finalidade de propiciar aos pesquisadores, o exame e análise de um tema, considerando um enfoque ou abordagem, para evidenciar o que já foi e como foi pesquisado, por exemplo, ou ainda, para apontar lacunas em uma área de conhecimento (GIL, 2002; LAKATOS; MARCONI, 2003).

Para seleção dos artigos científicos foi realizado um levantamento bibliográfico nas atas dos Encontros Nacionais de Pesquisa em Educação em Ciência – ENPEC, de 2009, 2011 e 2013, disponíveis no *site* da Associação Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciência (ABRAPEC). A referida associação é uma sociedade civil, de caráter científico e educacional, idealizada e organizada a partir da realização do I e II



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

ENPEC, nos anos de 1997 e 1999. Os Encontros são bienais, com o objetivo de reunir pesquisadores da área de Ciências da Natureza, Saúde e áreas afins, para discutir e tratar de temas e interesses da comunidade de educadores em ciências, por meio de conferências, mesas redondas e apresentação de trabalhos – comunicações orais e coordenadas (ABRAPEC, s/d).

Utilizando os termos sexualidade, sexual, orientação sexual, educação sexual e gênero nos campos de busca das páginas dos referidos eventos, foram encontrados 46 artigos científicos.

Os critérios utilizados para busca e seleção dos artigos foram: 1) a presença de pelo menos um dos termos sexualidade, sexual, orientação sexual, educação sexual e gênero no título e/ou palavras-chave e 2) foco do estudo em sexualidade, gênero, educação e/ou orientação sexual, realizado no cenário brasileiro.

Os artigos foram lidos na íntegra e com base na análise de conteúdo e modalidade temática segundo Bardin (2011), os trabalhos foram classificados em três categorias: I - trabalhos não associados diretamente à educação e/ou ensino; II - trabalhos associados à educação e/ou ensino sem intervenção na sala de aula e III - trabalhos associados à educação e/ou ensino com intervenção na sala de aula. Neste

trabalho abordaremos somente esta última categoria.

Buscou-se identificar o tipo de metodologia utilizada na pesquisa, o local (cidade) de realização, o público alvo e a etapa de escolaridade, as temáticas e/ou os conteúdos abordados, as abordagens utilizadas e a tendência que norteou a abordagem visando identificar princípios básicos do ensino e aprendizagem da educação sexual intencional na escola.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste estudo, foram identificados 13 trabalhos relacionados à educação e/ou ensino com intervenção na escola, de um total de 46 artigos analisados. Dos trabalhos constituintes da categoria educação e ensino com intervenção na escola, um (01) foi realizado na Educação Infantil, dez (10) no Ensino Fundamental, sendo um (01) em uma escola de educação especial para estudantes surdos; um (01) com alunos do Ensino Fundamental e Médio, um (01) com alunos do Ensino Médio. No Ensino Fundamental, a maioria foi desenvolvida com alunos do oitavo e nono anos. Não foram encontradas pesquisas realizadas com alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Batista (2008), com base na teoria freudiana, afirma que os alunos e alunas dos anos iniciais do Ensino Fundamental vivenciam o



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

período de latência da sexualidade. Isso parece eximir professores, pais e mães, de se ocuparem com as questões da sexualidade e suas manifestações na infância. Quando as crianças dão indícios de que necessitam de uma intervenção, recorrem aos profissionais especialistas ou as repreendem, como se falar de questões da sexualidade na sala de aula para crianças e pré-adolescentes, fosse necessariamente despertar o desejo e interesse pelo sexo e outras práticas afetivo-sexuais.

Quanto ao local de realização das pesquisas, os estudos sobre sexualidade, gênero e educação sexual apresentados nos ENPECs de 2009, 2011 e 2013, foram realizados nas regiões sul e sudeste, com cinco (05) trabalhos cada, dois (02) na região nordeste e um (01) na região norte, no Estado do Pará.

Pereira e Monteiro (2013), em levantamento bibliográfico sobre gênero e sexualidade no ensino de ciências no Brasil, em 22 periódicos publicados entre 2006 e 2011, encontraram 112 trabalhos científicos, sendo 52 destes associados à Educação e Ensino. Os autores constataram que as instituições acadêmicas com maior número de publicações sobre gênero e sexualidade são das regiões Sudeste e Sul, com 67 e 31 publicações, respectivamente, e as regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, respondem juntas por apenas 12 trabalhos científicos, com essa assimetria identificada em outros estudos.

De modo geral, os temas trabalhados com os estudantes estão relacionados ao componente biológico da sexualidade e com fins à promoção da saúde, de forma isolada ou conjuntamente, com destaque para os conteúdos sobre o sistema genital humano, em seus aspectos anatômicos e fisiológicos, focando a reprodução humana (três artigos), doenças sexualmente transmissíveis (cinco artigos), métodos contraceptivos (cinco artigos), mudanças corporais na puberdade (dois artigos), relação de gênero (quatro artigos), homossexualidade (um artigo), conquista amorosa, relacionamento afetivo e práticas sexuais (um artigo).

Segundo Furlani (2011), essa prática caracteriza a abordagem biológico-higienista marcada pelo ensino com fins a promoção da saúde, reprodução humana, gravidez indesejada na adolescência, prevenção de DST, características das aulas de Ciências e Biologia. São conteúdos importantes, porém, dependendo da abordagem, contribuem para uma visão simplista da sexualidade, restrita aos aspectos biológicos e prática afetivo-sexual do tipo heterossexual. Caso não sejam tomados os devidos cuidados, deixam transparecer que o exercício da sexualidade, pelo ato sexual, é carregado de perigos e consequências, desassociado de prazer, sentimentos, afetividade, respeito e amor.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

A sexualidade envolve outros aspectos do relacionamento, como o estar juntos e o companheirismo, o respeito mútuo, a solidariedade, o prazer, a convivência, que precisam ser abordados, visando à compreensão da sexualidade em seu sentido amplo, com base nas relações de igualdade de gênero e entre as pessoas. Nesse sentido, Furlani (2011), sugere que é preciso perturbar e sacudir as discussões da educação sexual realizadas no Brasil, com problematizações baseadas em referenciais críticos, no debate acerca dos gêneros, sexualidades, diferenças étnico-raciais nos contextos acadêmicos e na Educação Básica.

A ênfase biológica dada à abordagem da reprodução humana, como aspecto único da sexualidade, constante na maioria dos referenciais curriculares e livros didáticos, contribui para reforçar como prática única, legítima e aceitável, a heterossexualidade e o ato sexual com penetração vaginal, enquanto práticas sexuais normais, consentidas e naturais.

Furlani (2013) destaca que estas não são as únicas possibilidades, a não ser que se trate apenas da sexualidade reprodutiva. No entanto, em se tratado de relacionamento afetivo e sexual entre pessoas do mesmo sexo, incluir na educação sexual apenas a abordagem reprodutiva, contribui para tornar legítima a vida sexual apenas no período

reprodutivo. Dificulta o entendimento de que a prática sexual pode objetivar apenas o prazer, sem a intenção de ter filhos, que pessoas do mesmo sexo podem estabelecer relacionamentos afetivos e sexuais e fortalece a concepção de família como somente aquela formada por um homem, uma mulher e seus descendentes.

Apenas o trabalho desenvolvido por Garcia, Lorencini Júnior e Zompero (2009), traz referência a uma tendência de ensino. Os autores analisaram os limites e possibilidades da Metodologia da Problematização com a aplicação das etapas do Arco de Magueréz, objetivando avaliar as potencialidades de cada etapa do ciclo, tendo em vista os aspectos socioculturais, biológicos, críticos, reflexivos, morais e éticos dos temas da sexualidade com alunos da sétima série (atual oitavo ano) do ensino fundamental. O trabalho foi realizado após os autores observarem o ensino do conteúdo sobre a reprodução humana pela professora, de maneira tradicional, conforme o livro didático. Após a identificação do problema pelos alunos - homossexualidade e homofobia, a partir da observação da realidade escolar, as demais etapas tiveram sequência. Os autores concluíram que a metodologia constitui-se em importante alternativa de ensino e aprendizagem, pela valorização do processo de aprendizagem aliado ao conhecimento e às habilidades de



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

pensamento, diálogo e reflexão dos alunos, aspectos esses, fundamentais a qualquer ação social transformadora, apesar de não poderem garantir que essa possibilidade se converta em uma ação moral para outros momentos da vida. A pesquisa envolveu formação inicial de professores com intervenção na sala de aula.

A relação afetiva e sexual entre pessoas do mesmo sexo constitui o aspecto da sexualidade humana mais difícil de aceitação pelas pessoas, incluindo muitos educadores/as e educandos, sendo um dos grandes desafios da escola o trabalho para ressignificar, como positiva, essa forma de vivência da sexualidade. Constitui-se uma atitude política, lutar por uma sociedade plural e igualitária, menos violenta e mais solidária, que reconhece os direitos humanos, as diferenças entre as pessoas e os valores positivos e benéficos (FURLANI, 2011).

De modo geral, as formas de abordagem dos conteúdos são bastante diversificadas nos trabalhos analisados. As mais citadas foram: oficinas educativas, palestras, debates, aulas expositivas dialogadas, atividades lúdicas, dramatizações, atividades de grupo, grupos de discussão, apresentações dos alunos, usos de filmes/vídeos, músicas, texto científico e de revistas, atividades de grupo, dinâmicas e mostras para a comunidade. Quatro trabalhos associados à educação e ensino com intervenção na sala de aula, foram realizados

na modalidade de projeto de ensino (CIRNE, et al. 2011; COSTA, et al. 2011; FERNANDES, et al. 2011; PRZYBYSZ; STADLER, 2011). Um indício de que as atividades desenvolvidas são assistemáticas e pontuais, uma vez que, não foram referenciadas como parte integrante de um projeto ou programa constante do plano pedagógico das escolas.

A utilização de abordagens diversificadas no trabalho de educação sexual na escola é um aspecto importante para a participação ativa dos alunos e alunas. Nesse sentido, considerando o discurso escolar nas aulas de ciências, Mortimer e Scott (2002) ressaltam que, se o objetivo é o entendimento do tópico em estudo, os estudantes devem promover atividades dialógicas, participando e escutando, a de fim de repensar e se apropriar das ideias, objeto das discussões.

Sem atividades dialógicas e sem permitir que os estudantes se expressem livremente, um trabalho de educação sexual na escola sem continuidade, não contribuirá para o esclarecimento de dúvidas, desmitificação, construção de conceitos, atitudes e valores que remeta à liberdade de escolha e práticas afetivo-sexuais saudáveis, coerentes e responsáveis dos adolescentes.

A adolescência pode ser vista pelos educadores como um momento de tensão, entre o “abandono” de um corpo infantil e a



preparação para o “assumir” um corpo adulto. Esse processo não é apenas de natureza biológica. É também um processo sociocultural, em que a troca de ideias e experiências pelo diálogo, na escola, na família, com os amigos e na interação com os recursos tecnológicos, contribui para a construção da nova identidade, incluindo a identidade sexual.

Em cinco trabalhos (CAETANO; SILVEIRA, 2009; CIRNE, et al. 2011; FERNANDES, et al. 2011; PRZYBYSZ; STADLER, 2011; SILVA, et al. 2013), encontramos registro de que foram realizados levantamentos, enquetes, aplicação de questionário, pré-teste e pós-teste como parte da metodologia de desenvolvimento das ações, visando entre outros, conhecer as concepções dos alunos sobre a importância da educação sexual na escola, conhecimentos gerais relacionados à sexualidade, DST e temas de interesse dos alunos e alunas sobre à sexualidade.

Destacamos os trabalhos realizados por Mallmann e Geller (2009), Costa et al. (2011) e Lanes et al. (2013) que abordaram com diferentes públicos aspectos da sexualidade humana com fins à educação sexual.

Mallmann e Geller (2009) investigaram como mapas conceituais, utilizando sinais de Libras e do sistema *Signwriting* podem ser utilizados com alunos surdos com fins à educação

sexual. O público alvo foram seis alunos surdos da sétima série (atual oitavo ano do Ensino Fundamental), com os quais desenvolveu os conteúdos do sistema genital humano e reprodução, métodos contraceptivos, DST, com destaque para os conceitos de ejaculação, fecundação e menopausa. Além da criação de dois novos sinais que não constavam nos sinais de Libras, sinais de gonorreia e sífilis, as análises das entrevistas e mapas conceituais deram indícios de que os sujeitos reconstruíram conhecimentos dos conteúdos estudados.

Costa et al. (2011) desenvolveram em uma turma do nono ano do Ensino Fundamental com 37 alunos, projeto de ensino utilizando ferramentas didáticas diversificadas como conhecimentos e organizadores prévios, pesquisa bibliográfica e reflexiva, palestra, vídeos educativos dentre outros, para o trabalho com os conteúdos: gênero, corpo, DST e AIDS, métodos contraceptivos e gravidez na adolescência, com realização de uma mostra para a comunidade escolar e aplicação de questionário para verificar as concepções dos alunos ao final do projeto. Entre outros, verificaram que as percepções dos alunos sobre sexualidade são permeadas de concepções alternativas, porém modificadas ao longo do desenvolvimento do projeto por conceitos cientificamente adequados, contribuindo para compreensão e



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

responsabilidade pessoal e coletiva acerca da sexualidade, fazendo da escola um local apropriado para construção de valores relevantes.

Para Lanes et al. (2013), a Educação Infantil é um importante alicerce para a formação geral da pessoa e o conhecimento sobre sexualidade e gênero auxilia o desenvolvimento psíquico, afetivo e social. Com base nessa perspectiva, os autores investigaram as percepções de 42 crianças, com idade entre 3 a 5 anos, matriculadas em uma escola de Educação Infantil, acerca da sexualidade e gênero. As atividades ocorreram durante as aulas de Educação Física, com os participantes divididos em grupo controle e grupo experimental. As intervenções foram realizadas por meio de atividades recreativas (grupo de intervenção) e as percepções dos alunos foram levantadas por meio de desenhos, tomados como pré-teste e pós-teste, em ambos os grupos. Os resultados demonstraram o entendimento comum nas crianças que o sexo feminino é diferente do sexo masculino, representando-os com cores diferentes, por meio do formato do corpo e/ou vestimentas que os diferenciam. Em relação à sexualidade, os pesquisadores observaram que as crianças não conseguem representá-la, pois esta é uma organização que se estrutura ao longo do desenvolvimento sexual até a maturidade. Afirmam que é necessário maior

atenção para este tema nas escolas de Educação Infantil e que as atividades de recreação contribuem para ampliar as percepções de sexualidade e gênero nas crianças, de suma importância para o desenvolvimento pessoal e social.

Considerando a inclusão da Educação Sexual no currículo escolar desde 1998 com a publicação dos PCN, era de se esperar que a escola garantisse e assumisse seu fazer pedagógico em todos os níveis da escolarização, incluindo a Educação Infantil (FURLANI, 2011).

Em referências às primeiras manifestações sexuais da criança na escola, Batista (2008) ressalta que os professores sentem-se inibidos e oprimidos diante a manipulação dos órgãos genitais, do “beijo”, da curiosidade com relação ao corpo do outro, com grande dificuldade de encará-las e reconhecê-las como manifestações naturais.

Conforme Haffner¹ (2005 apud FURLANI, 2011), as crianças sexualmente saudáveis se sentem bem com seus corpos, respeitam membros da família e outras crianças, entendem o conceito de privacidade, tomam decisões adequadas à idade, ficam à vontade para fazer perguntas e se sentem preparadas para a puberdade.

As características relacionadas para as crianças que encontram na família e na escola,

¹ HAFFNER, D. W. **A criança e a educação**. Lisboa, Portugal: Presença. 2005.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

orientações e esclarecimentos sobre questões da sexualidade numa abordagem emancipatória e crítica de educação sexual, podem ser aplicadas aos adolescentes, jovens e adultos que recebam informações e esclarecimentos confiáveis na escola e/ou fora dela, para compreenderem que a sexualidade é um componente da nossa personalidade e que além do componente biológico, é constituída pelos componentes social e psicológico, resultantes de uma construção histórica e social de diferentes épocas e culturas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ENPEC é um evento estabelecido e de grande importância para a comunidade científica na área de pesquisa e educação em ciências. Pelo estudo realizado sobre a temática sexualidade, gênero e educação sexual nas atas dos ENPECs de 2009, 2011 e 2013, e conforme os trabalhos de Lima, Silva e Siqueira (2009) e Silva e Oliveira (2009), as pesquisas com a referida temática tiveram maior expressão a partir do V ENPEC, no ano de 2005.

Com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997), foi necessário um período de tempo para que as questões da sexualidade, gênero e educação sexual nas escolas de Educação Básica, fossem analisadas e colocadas em prática,

vindo a se constituir em objetos de investigação nos diferentes níveis e etapas da escolarização e publicações nos eventos e revistas científicas.

Pelas análises realizadas, verificamos que a maioria dos trabalhos associados à educação e/ou ensino com intervenção na sala de aula tem com pano de fundo, o processo de ensino e aprendizagem dos conteúdos referentes ao sistema genital e reprodução humana, métodos contraceptivos e DST, associados com atividades de levantamentos com alunos/as e em alguns casos com pais e mães, geralmente, sobre concepções dos aspectos biológicos da sexualidade. Essas atividades de pesquisas concentram-se nos anos finais do Ensino Fundamental.

As iniciativas com alunos portadores de necessidades educativas especiais, Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental são, no mínimo, inexpressivas.

São poucos os pesquisadores e pesquisadoras que se aventuram nas temáticas referentes às relações de gênero, homossexualidade e os outros aspectos da sexualidade, a exemplo das relações afetivo-sexuais que, são tão importantes quanto os conteúdos biológicos, por possibilitarem melhor compreensão da sexualidade, como uma dimensão humana biopsicossocial.

A utilização de metodologias diversificadas nos trabalhos de educação sexual pelos

www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br



professores-pesquisadores nas escolas é fundamental para o aprendizado e mudança de concepções e comportamentos dos alunos e alunas.

Por fim, registramos a grata surpresa com as intervenções com alunos surdos no Ensino Fundamental e alunos da Educação Infantil, demonstrando que a sexualidade é um aspecto da personalidade humana, presente em todas as pessoas, independente da idade, condição física, social, desde o momento da concepção até a morte.

REFERÊNCIAS

- ABRAPEC. **Página institucional da Associação Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciência – ABRAPEC.** Sobre a ABRAPEC. Disponível em: <<http://www.abrapec.ufsc.br/historico-e-missao/>>. Acesso em: 02 abr. 2016.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo.** 3. ed. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BATISTA, C. A. **Educação e sexualidade: um diálogo com educadores.** São Paulo: Ícone, 2008.
- BOHM, A. M. **Os “monstros” e a escola: identidade e escolaridade de sujeitos travestis.** 103f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2009.
- BONFIM, C. **Desnudando a educação sexual.** Campinas: Papyrus, 2012.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos PCN.** Secretaria de Educação Fundamental. Ministério da Educação. Brasília MEC/SEF. 1997.
- _____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: orientação sexual.** Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CAETANO, J. C. S.; SILVEIRA, C. L. P. O ensino de Ciências e a educação para a saúde: a compreensão da sexualidade e do HPV no terceiro ano do Ensino Médio. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DE CIÊNCIAS, VII, 2009, Florianópolis. **Anais.** Florianópolis: ABRAPEC, 2009. Disponível em: <<http://posgrad.fae.ufmg.br/posgrad/viiienpec/pdfs/746.pdf>>. Acesso em: 02 jul. 2015.
- CIRNE, A. D. P. P. et al. Uso de texto de divulgação científica na educação sexual de adolescentes. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DE CIÊNCIAS, VIII, 2011, Campinas. **Anais.** Campinas: ABRAPEC, 2011. Disponível em: <<http://www.nutes.ufrj.br/abrapec/viiienpec/resumos/R0248-1.pdf>>. Acesso em: 05 jul. 2015.
- COSTA, E. S. A. da. Percepção de alunos da educação básica sobre sexualidade. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DE CIÊNCIAS, VIII, 2011, Campinas. **Anais.** Campinas: ABRAPEC, 2011. Disponível em: <<http://www.nutes.ufrj.br/abrapec/viiienpec/resumos/R0329-2.pdf>>. Acesso em: 05 jul. 2015.
- COSTA, E. S. A. da.; TORRES, D. F.; CIRNE, A. D. P. P.; COSTA, I. A. S. da. Percepção de alunos da educação básica sobre sexualidade. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DE CIÊNCIAS, VIII, 2011, Campinas. **Anais.** Campinas: ABRAPEC, 2011. Disponível em: <<http://www.nutes.ufrj.br/abrapec/viiienpec/resumos/R0329-2.pdf>>. Acesso em: 05 jul. 2015.
- FERNANDES, H. L. et al. Adolescência, sexualidade e formação docente: reflexão e não-diretividade para construção da autonomia. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DE CIÊNCIAS, VIII, 2011, Campinas. **Anais.** Campinas: ABRAPEC, 2011. Disponível em: <<http://www.nutes.ufrj.br/abrapec/viiienpec/resumos/R0927-1.pdf>>. Acesso em: 05 jul. 2015.
- FIGUEIRÓ, M. N. D. Educação Sexual: como ensinar no espaço da escola. **Linhas**, v. 7, n. 1, 2006. Disponível em: <<http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1323>>. Acesso em; 20 jul. de 2015.
- FIGUEIRÓ, M. N. D. **Formação de educadores sexuais: adiar não é mais preciso.** 2. ed. Londrina: EDUEL, 2014.
- FURLANI, G. **Educação sexual na sala de aula: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às**



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

diferenças. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

FURLANI, G. Educação sexual: possibilidades didáticas. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (orgs). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 67-82.

GARCIA, M. de F. L.; LORENCINI JUNIOR, A.; ZÔMPERO, A. de F. Análise da metodologia da problematização utilizando temas da sexualidade: tendências e possibilidades. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DE CIÊNCIAS, VII, 2009, Florianópolis. **Anais**. Florianópolis: ABRAPEC, 2009. Disponível em: <http://posgrad.fae.ufmg.br/posgrad/viiienpec/pdfs/599.pdf>>. Acesso em: 02 jul. 2015.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, elaboração, análise e interpretação dos dados. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LANES, D. V. C.; LANES, C. G.; PUNTEL, R. L.; FOLMER, V. A recreação como ferramenta metodológica para trabalhar sexualidade e gênero na educação infantil. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DE CIÊNCIAS, IX, 2013, Águas de Lindóia. **Anais**. Águas de Lindóia: ABRAPEC, 2013. Disponível em: <http://www.nutes.ufrj.br/abrapec/ixenpec/atas/resumos/R0460-1.pdf>>. Acesso em: 07 jul. 2015

MALLMANN, L.; GELLER, M. Um estudo de caso com libras e *signwriting* na educação sexual através de mapas conceituais. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DE CIÊNCIAS, VII, 2009, Florianópolis. **Anais**. Florianópolis: ABRAPEC, 2009. Disponível em: <http://posgrad.fae.ufmg.br/posgrad/viiienpec/pdfs/328.pdf>> . Acesso em: 02 jul. 2015.

MORTIMER, E. F.; SCOTT, P. Atividade discursiva nas salas de aula de Ciências: uma ferramenta sociocultural para analisar e planejar o ensino. **Investigações em Ensino de Ciências**, v. 7, n. 3, 2002, p. 283-306. Disponível em: http://www.if.ufrgs.br/ienci/artigos/Artigo_ID94/v7_n3_a2002.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2015;

NUNES, C. A. **Desvendando a sexualidade**. 7ª ed. Campinas: Papirus, 2005.

NUNES, C. A.; SILVA, E. **A Educação Sexual da criança**: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

PEREIRA, Z. M.; MONTEIRO, S. Gênero e sexualidade no ensino de ciências no Brasil: análise da produção científica recente. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DE CIÊNCIAS, IX, 2013, Águas de Lindóia. **Anais**. Águas de Lindóia: ABRAPEC, 2013. Disponível em: <http://www.nutes.ufrj.br/abrapec/ixenpec/atas/resumos/R0919-1.pdf>>. Acesso em: 02 jul. 2015

PRZYBYSZ, M.; STADLER, R. C. L. Sexualidade também se aprende na escola. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DE CIÊNCIAS, VIII, 2011, Campinas. **Anais**. Campinas: ABRAPEC, 2011. Disponível em: <http://www.nutes.ufrj.br/abrapec/viiienpec/resumos/R0276-1.pdf>>. Acesso em: 05 jul. 2015.

SILVA JUNIOR, J. A. da. **Rompendo a mordaca**: representações de professores e professoras do Ensino Médio sobre homossexualidade. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SILVA, P. R. S. et al. A utilização de uma sequência didática como atividade alternativa para a Educação Sexual. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DE CIÊNCIAS, IX, 2013, Águas de Lindóia. **Anais**. Águas de Lindóia: ABRAPEC, 2013. Disponível em: <http://www.nutes.ufrj.br/abrapec/ixenpec/atas/resumos/R0447-1.pdf>>. Acesso em: 02 jul. 2015.

SOUZA, L. C.; DINIS, N. F. Discursos sobre homossexualidade e gênero na formação docente em biologia. **Pro-Posições**. v. 21, n. 3(63), p. 119-134, Set-Dez. 2010.